

## **Transcrição – Entrevista com a Psicóloga Gabriela Roland**

João: Redução de hábitos ruins, no geral, é a controle do comportamento.

Gabriela: Tá, e as perguntas aqui?

Roland: Esse aqui é um questionário para fazer para as mães que têm filhos de diagnosticados com esses tipos de transtornos.

Gabriela: Tá, legal. Mas e aí?

Guilherme: Não, agora é o seguinte, agora nós temos a parte que a gente precisa conversar com os responsáveis, conversar com profissionais que lidam com crianças para saber os riscos e os benefícios disso, dessa aplicação, e é nessa parte que você entra, entendeu? A gente conversou com o Roland.

Gabriela: A ideia seria uma economia de fichas digital.

João e Guilherme: Isso.

Gabriela: Entendi.

João: Teria ali como o pai tá lançando tarefas no aplicativo pro filho tá cumprindo essa tarefas. O filho cumpre essa tarefas ele ganha assim, moedinhas para estar comprando na loja que vai ter...

Gabriela: tudo... tudo...

Guilherme: Dentro do aplicativo.

João: Aham, dentro do aplicativo.

Guilherme: Tem o aplicativo do pai e o aplicativo do filho que é ligado. O pai alimenta o aplicativo com as tarefas e recompensas e o valor de cada tarefa e o filho entra lá, realiza a tarefa, cumpre, ganha a moedinha, herda a moedinha, e no final depois ele entra na lojinha e recolhe a recompensa que foi já estipulada pelo pai antes, a recompensa e o valor. Mais ou menos isso, né?

João: Isso, perfeito. Então, Gabriela, a primeira pergunta, só para a gente ter um contexto é: “Qual a sua relação com a tecnologia?” só para a gente saber como devemos estar lidando e estar te passando o conteúdo?

Gabriela: A minha relação? Eu sou filha dele, hahaha.

João: Perfeito, hahaha.

Roland: Desde antes de nascer.

João: Já ouvia coisas. Certo. O que você achar que eu estou falando, assim, falei abobrinha, você pode corrigir, tá?

Gabriela: Não, não.

Guilherme: Você considera uma usuária padrão ou você já tem um nível mais elevado?

Gabriela: Bom assim, padrão. Eu uso pro trabalho para o relatório, word, Excel.

Guilherme: Alguma coisa assim você tem dificuldade? Ah, essa tecnologia é uma coisa que eu tive mais dificuldade.

Gabriela: Ah, eu não sou muito boa, por exemplo, com Excel, não conheço todas as ferramentas, mas a gente usa para relatório básico, sabe? Nada muito elaborado.

Guilherme: Mas no geral, você se se vira bem?

Gabriela: Sim.

João: Certo. E você já atende crianças com não só TEA, mas outros espectros também, né?

Gabriela: Sim, sim. Na clínica a gente atende vários diagnósticos.

João: Então, eu gostaria de estar sabendo como é a relação dessas crianças com a tecnologia, como fica a interação por parte dos pais, como eles controlam o acesso dos filhos?

Gabriela: Bem complicado, assim. São crianças que... Eu tenho um paciente que é muito hiper focado em computador, então ele vai para clínica ele quer ficar o tempo inteiro, em casa também. Ele fica na clínica e em casa, ele fica muito. Ele quer ficar o tempo inteiro em computador, jogando... Minecraft. A maioria das crianças, gostam muito e ficam dependentes de tela. E aí, quando a gente tenta tirar, eles entram com comportamento assim, inadequado e é difícil tirar deles. A gente tinha um videogame lá na clínica e os malefícios foram muito maiores que os benefícios, daí a gente tirou. Não existe mais, não dá mais para deixar. Porque é isso, a gente tem que fazer combinado com eles: tantos minutos no videogame, depois a gente volta para fazer a atividade e na maioria das vezes eles não aceitam muito bem. Então, traz um monte de comportamento.

Guilherme: Mesmo quando você combina antes com ele, 10 minutinhos, depois nós vamos, mesmo assim?

Gabriela: Algumas crianças sim, outras nem tanto.

Guilherme: Tem uma faixa de idade? Quanto mais novo, maior aceitação ou menor aceitação?

Gabriela: Depende muito do diagnóstico, depende muito da criança. Mas esse meu que tá agora, hoje ficou o dia inteiro no computador, ele tem 7. Eu acho que quanto mais velho, mais eles ficam nas telas. Porque ele já entende mais e mexe mais. Né? E aí jogam mais, jogam coisas mais difíceis, então quanto mais velhos, jogam mais. As crianças menores ficam mais em vídeos, youtube sabe? Não mexe muito sozinha, mais pra assistir vídeos, os maiores que jogam mais.

Guilherme: Mas você acha que isso também é um pouco por influência dos pais, porque por exemplo eu já vi muitos às vezes eu vou em restaurante e aí você vê muitos pais colocaram a tela pro filho, não sei se tem algum laudo ou não, mas pra o filho ficar distraído pra poder ter uma paz, isso é influenciado pelos pais também, esse hiper foco?

Gabriela: Sim, muito, porque a criança é isso né, a criança gosta muito disso, muito de tela, ele não tem a tela, o pai não dá, ele vai ter comportamento problema e vai ser difícil

pro pai manejar, o pai não vai querer manejar e vai dar a tela. Esse negócio de economia de fichas quando é assim... por... aplicativo, eu acho que talvez seja mais fácil, mas eles não dão conta assim de..., porque é isso a criança vai entrar em comportamento e ele não sabem manejar, não é como o terapeuta da criança sabe, então eles reforçam muito isso porque deixam a criança ficar muito tempo, mas eu acho que hoje em dia tá, todas crianças estão, não sei se só por influência dos pais.

João: Certo, a próxima pergunta que eu ia fazer era inclusive essa, o que você acha, assim, de ter uma tela pra possivelmente pra solucionar o problema de ficar na tela, seria a pergunta, você acha que a tela, o digital, é um malefício para criança...

Gabriela: não, não acho que seja, acho que depende, depende do caso assim, eu acho legal isso porque vai ser uma ferramenta que os pais vão ter mais facilidade de usar porque as crianças vão aceitar melhor do que um papel impresso plastificado que é a economia de fichas que geralmente a gente usa, que é por exemplo fez uma atividade ganhou uma fichinha, fez uma ganha..., depois que trabalhou pra ganhar dez fichas ganha tantos minutos de reforçador que é a tela. Então eu acho que no celular as crianças vão aceitar melhor, e é mais interativo né, eles vão adorar, eu acho que pros pais vai ser mais fácil de manejar desse jeito.

Roland: como é que você acha que as tarefas, o que vai ser proposto para os filhos fazer, deve ser definida, como uma atividade em tela? Ou o sistema de fichas ser com o gestor...

Gabriela: porque a economia de fichas ele é uma ferramenta que usa para criança e pro pai, pro terapeuta ter o controle de quantas, para criança principalmente, ter visível e ter o controle de que eu vou ter acesso ao reforçador, mas antes eu preciso fazer tantas coisas, é uma ferramenta, a tarefa é outra coisa. Então depende, depende do que o pai quer que a criança faça, vai ter lá uma figurinha de arrumar a cama, então a tarefa vai ser que arrume a cama, ele arrumou ele vai lá e dá um check no tablet dele, depende da tarefa, não sei assim, qual vai ser a tarefa, se vai ser uma tarefa para casa se a criança estiver em um ambiente de casa, por exemplo tarefa de casa, se a criança tem que fazer a tarefa de casa essa vai ser uma tarefinha, um checkzinho que ele vai dar lá no aplicativo.

Guilherme: Inclusive a gente até pensou numa..., num jeito de validar realmente esse check, por exemplo, ele arrumou a cama, as vezes o pai tá no trabalho né, de uma forma de validar, esse check, seja por foto, seja...

João: Um anexo na mensagem de conclusão...

Gabriela: Então, a gente tem uma economia de fichas, que é pra, no papel mesmo, impresso, e aí tem lá, coluna do pai dar check, pra criança dar check, então tarefa arrumar a cama, ele vai lá e dá o checkzinho, mas o adulto tem que verificar, se ele ganhou, mas o intuito dessa que eu tô falando é que a criança use a economia de fichas, não vai importar muito se ele tá mentindo ou não nesse caso, se ela foi e deu checkzinho, ela ganha uma estrela, se o check for dois, ela e o pai, ela vai ganhar o reforçador. O reforçador vai ter mais, vai ser numa magnitude maior se tiver dois checks, que o pai confirmou, mas numa magnitude menor se só a criança fez, entendeu? Então precisa de ter uma..., dois checkzinho, o adulto supervisionar.

João: É, outra coisa também que eu já tava, que eu estudei um pouco, eu vi um pouco sobre o PECS, que é um tipo de estratégia usada também, que talvez fosse o ideal por exemplo pra tá lançando tarefa, o pai já ter uma seleção de imagens, de fotos pra criança ter uma ideia, principalmente aquelas que tem uma dificuldade na comunicação, interpretação...

Gabriela: PECS é na verdade uma, é pra crianças não verbais, então ele é uma ferramenta de comunicação, ele é a fala da criança, a criança não se comunica verbalmente ele usa a troca de figuras. Tem várias fases o PECS. O PECS em si é só pra isso, só pra criança se comunicar, então é..., é uma pasta que ele anda carregado pra todo lugar e ele se comunica assim, então tem várias figuras né, ele pode por uma frase, e tal, exclusivamente para comunicação, é a fala da criança que ela carrega com ela. Então, aí tem a prancha de comunicação, que é um quadro de “mandos” (não entendi essa parte) pra criança também que tem dificuldade ou que não fala, aí elas trocam as figuras mas não, só esse, essa função de fala né, não precisa ser necessariamente criança que não fala de jeito nenhum, pode ser criança que tem dificuldade na comunicação, aí ela usa o quadro de mandos, então pra ir no banheiro, enfim, o que ela quiser pedir lá no quadro, mas o PECS é só pra isso.

João: Entendi, é, eu tinha até falado com o Roland sabe, sobre um transtorno específico né, o TOD, você acha que um aplicativo como esse poderia tá ajudando assim, especificamente, as crianças com TOD, que o Guilherme já, ele é professor, lida com bastante alunos assim, e tipo, ele percebe principalmente que muitas vezes o mau comportamento parte do... da pessoa.. do professor ter agido ruim com o aluno inicialmente...

Gabriela: Ah sim, é... eu acho que isso vai ajudar porque o negocio é o esquema de reforçamento, a gente vai, pra reforçar comportamentos bons, e pra diminuir comportamentos não aceitáveis socialmente, é o esquema de reforçamento, se é dessa forma eu acho que..., vai funcionar. O reforçamento é ciência, é reforço.. Eu acho que desse jeito vai ajudar porque as crianças tão muito ligadas nisso né, em tela, o TOD é isso, eles é, se opõe porque querem se opor, porque... não e não... falam não e é isso... eu acho que sim, que ajuda, e acho que principalmente, no TOD eles não tem..., depende, se tiver mais um diagnostico, por exemplo de DI é mais complicado, mas, tem uma criança lá que tem TOD, ele entende perfeitamente tudo, ele é super funcional, mas ele se opõe, sempre, só que ele tem uma noção das coisa, então eu acho que funciona sim o aplicativo.

Guilherme: Gabriela, já aproveitando o gancho então que ele falou que eu sou professor, é, eu dou aula para o fundamental II que é do 6º ao 9º e ensino médio e o que que eu já presenciei algumas vezes, alguns meninos, em casa tem um comportamento, e quando estão longe da supervisão dos responsáveis tem outro totalmente diferente, e eu já encontrei é..., criança e adolescente que por saber que tem laudo, ele se acha que esta com certo respaldo, porque eu já tive essa resposta, “ah eu tenho laudo”, entendeu? “Ah, não vou fazer isso porque eu tenho laudo de TOD.

Gabriela: isso os mais velhos né?

Guilherme: É.. mais velho assim por exemplo, 8º ano, 13, 14 anos já, que já junta a fase da adolescência mesmo com..., você acha que o aplicativo em si ele ajuda a reforçar bom comportamento longe da supervisão dos pais, por exemplo, é, se você passar a semana

toda sem nenhuma reclamação da escola, por parte da escola, você vai ganhar o reforçador, recompensa né, o termo que você usou foi?

Gabriela: Reforçador.

Guilherme: Reforçador... Você acha que isso também vai influenciar no comportamento longe dos responsáveis?

Gabriela: Ah, eu acho que sim..., é porque assim, a gente tem que entender, na verdade vai funcionar se o reforçador que a gente der pra criança for o que a criança quer realmente, for potente, senão não vai funcionar, pra qualquer criança, em qualquer ambiente, tem que ser uma coisa que a criança goste, uma coisa que ela queira, ela precisa trabalhar pra ganhar isso. É como funciona com a gente, a gente precisa trabalhar pra receber o salário, então precisa ser reforçador pra criança e aí, é isso, a criança vai ter o checkzinho que ela fez, dos pais e pode ter do professor também, pode ter um feedback do professor pra..., por exemplo, se ele se comportar tanto tempo na aula, acho que depende da criança também, porque vai ter criança que não vai conseguir se comportar bem todos os dias da semana, é demais, duas vezes na semana se comportou bem (inaudível)

Guilherme: Posso fazer uma pergunta que eu acho que não está no nosso escopo de perguntas? É, o recompensador ele tem que ser algo que a criança e o adolescente vai ganhar ou pode ser algo que ele vai deixar de perder. Por exemplo, lá na cidade que eu trabalho tem muitos meninos que gostam de andar de bicicleta é o normal deles irem para a praça andar de mula, andar de cavalo, se você quiser manter o que você tem, você tem que ter os checks.

Gabriela: Isso não é reforço, é punição. Existem duas coisas: Reforçar e o punir. A gente não usa punição na clínica porque tem algumas consequências que não são tão legais, mas funciona. A punição funciona, só que tem algumas coisas é isso né? Pode funcionar só diante da pessoa que puniu, então se meu filho sabe que eu puno, que eu bato, por exemplo, ele pode se comportar bem só comigo, com outra pessoa não, mas é isso, deixar de ganhar alguma coisa, se eu ando todo fim de semana de cavalo, deixar de cavalo, não, vai ser uma punição, então é o caminho contrario, você não está reforçando porque, bom, vou te reforçar porque você ficou bem na sala, reforçou. Se ele não ficou bem na sala, vai ser um dia a menos que ele não teve a estrela aí ele vai precisar ter um dia a mais lá na frente pra ganhar alguma coisa, mas se ele deixar de ganhar, é uma punição, é diferente.

Guilherme: Entendi...

Gabriela: Funciona, mas...

Guilherme: Não é tão efetivo quanto a recompensa, e pode gerar trauma também, não pode?

Gabriela: Pode... Depende assim, se a gente usar de uma forma muito, bem feita, com profissionais, funciona e pode ser bom, mas é isso assim, não é o reforço, a gente não vai reforçar o bom comportamento, a gente só vai tirar uma coisa da criança, a gente não vai ensinar nada pra ela... Porque a punição a gente não tá ensinando alguma coisa, a gente só tá tirando o que ela gosta, reforço a gente vai reforçar, se ele for bem a gente reforça, "muito bem, isso mesmo", por exemplo conversou de uma forma (inaudível), to te

entendendo, muito bem, ganha alguma coisa, você reforça o comportamento bom, a punição você pune né, é o oposto do reforço.

João: Agora falando um pouco mais da parte visual, como a gente já tinha falado do PECS, é assim, eu tenho pensado muito nisso sobre a questão de estímulos demais, “ah a criança ve, olha nossa que tela colorida e clica no botão faz um barulhinho e tal, não sei se, qual seria a visão ideal na sua opinião sobre isso, sabe, porque é um assunto muito delicado, diverge de acordo com o nível.

Gabriela: Depende também, acho que é muito individual de cada criança, se for uma criança com TEA que tem hipersensibilidade muito estímulo não é legal, que tem, por exemplo, uma criança que tem, é..., como fala..., é..., que barulho incomoda, então se soltar o som alto lá, ele vai assustar, não vai querer, vai ser punitivo pra ele.

Roland: Essa sua questão, você ta colocando, é..., esse aspecto de tocar, e ter o resultado, ter o sonora, etc, na tarefa ou no gerenciamento do que precisa ser feito?

João: Seria na tarefa mesmo, por exemplo, a pessoa aperta no botãozinho de concluir, talvez, a criança, gerar um sonzinho...

Gabriela: Não, legal isso..

João: Essas coisas assim...

Gabriela: Isso é um reforçador..

Guilherme: Tipo uma palminha..

Gabriela: É, isso assim... A gente tem um programa, a gente não, a UFSCAR, chama ALEP, pra ensinar leitura e escrita, aí é isso, tem uma tarefinha a criança acerta, ela emite um sonzinho legal, se a criança erra ele fala não, não é, ou não, não da uma consequência, o som é uma consequência né, esse soquinho legal é uma consequência, pode ser reforçador, então a criança acertou solta um soquinho legal, é reforçador porque ela entendeu que ela acertou, quando não tem som é porque ela não acertou, mas a gente também não fala, não pune entendeu? As vezes fala, não, não é isso pra criança entender que ela não acertou e tentar de novo, mas é isso, acho que é legal, é reforçador, as crianças vão gostar, normalmente elas gostam, mas tem que ser uma coisa discreta assim.

Guilherme: no teams tem uma coisa parecida com isso quando voce entrega a tarefa, não é sonora, mas por exemplo, as animações que tem são visuais, e são animações que eu acho assim, um pouco são infantis, um balãozinho que sobe, um dragãozinho que aparece, um bicho preguiça, um foguetinho, tipo assim, ate legalzinho de ver, eu acho legal entendeu, não me estimula, na minha idade...

Gabriela: É, adulto...

Guilherme: ...não, mas eu acho legal de ver, entendeu?

Roland: O Duolingo tem isso né?

Guilherme: Duolingo também...

Roland: Solta confetinho...

Gabriela: Éééé, um reforçador, tipo, parabéns você conseguiu, você chegou até aqui, é legal assim, a gente usa também

João: Sobre isso também, a gente pensou bastante na questão da personalização né, talvez personalizar assim a cor de fundo do aplicativo né, que dependendo da criança, personalizar até se sai ou não sons pra tal coisa, e também até personalizar moedinha, por exemplo, Eu e o Guilherme a gente tava conversando, que tem um parente dele que também tem espectro autista que ele tem hiper foco em carro...

Guilherme: na Fiat...

João: Na Fiat.

Guilherme: Ele é apaixonado na Fiat e em bombeiros. Ele é apaixonado em Fiat. Se quiser fazer ele feliz da um presente que tem o símbolo da fiat, leva ele na cofrara, já levamos ele em ribeirão lá naquela de ribeirão preto, ele é super apaixonado, já até pensei se “nossa, seria muito legal se a moedinha tivesse o visual da fiat, escrito, você ganhou 10 fiats” na moedinha, personalizar até o nome.

João: Personalizar o nome...

Gabriela: Eu acho que é isso. Isso é reforçar. Você pegar o que a criança gosta, você vai usar isso a seu favor, você vai pegar o que ele gosta muito e usar como reforçador, então você vai ter que fazer tantas coisas, ou tal coisa, pra ganhar isso que você gosta muito, se a criança tem hiper foco em coisa que ela gosta muito, tem que usar. Tem que usar isso. Mas tem que personalizar, porque cada criança tem uma...

Guilherme: Sim... Ó o escopo aumentando rsrsrs...

Rolando: Em varias aspectos né, inclusive no aspecto check colocar o ator professor também. Dependendo do contexto né..

Gabriela: Dependendo das tarefas que a criança tem que fazer, se ela tem que ficar, se uma das tarefas é que ela fique bem tanto tempo na escola, tem que ter um feedback do professor.

Joao: É, um pouco, talvez um pouco fora da questão, você acha que a solução, poderia por exemplo, estar sendo aplicada no método ABA, que eu sei que hoje, ele é um pouco mais aplicado, mais popular que o próprio, que a própria economia de fichas, só que é uma versão mais imediata, mais física, por exemplo, eu vi um exemplo, da pessoa por exemplo, ligar um som alto, na frente da criança né, fazer pra ela, tampar os ouvidos, pra ela estar imitando, replicando esse comportamento, uma análise geral do comportamento. Ta utilizando assim, por exemplo, uma tarefa de, reforçador de, desse comportamento específico pra uma situação específica, você acha isso poderia ta sendo aplicado também no ABA? Juntando as duas coisas.

Gabriela: Ta, o ABA não é um método, é uma ciência. Então não é método. A gente não fala que é método. ABA é análise de comportamento aplicado, então tem tudo a ver com reforço. A gente usa reforço sempre, toda hora com a criança, então, isso que você falou é parte do que a gente faz né, no ABA, mas eu não entendi assim muito bem, o que você quis dizer...

João: Então, é, na verdade eu precisava te perguntar justamente isso, é porque eu vi que o ABA e a economia de fichas são...

Gabriela: É... ABA é a análise do comportamento aplicado, é uma ciência que estuda o comportamento, modifica pra melhorar a qualidade de vida, pra diminuir comportamentos destrutivos, e não só pra crianças com algum diagnóstico, mas pra todo mundo. É uma ciência que funciona pra todo mundo. Ela é aplicada porque a gente faz na clínica, a gente faz com a criança ali né, aplicada mesmo, a gente aplica com ela, mas também usa na clínica como uma abordagem da psicologia, análise do comportamento. Ela é baseada... o básico da análise do comportamento é antecedente, resposta e consequência, então pra analisar o comportamento a gente tem que ver o que aconteceu antes, qual que era o contexto do que estava acontecendo, então por exemplo, eu vou... está na hora de dar banho na criança, então o antecedente é “vamos tomar banho?”, a resposta da criança é o que ela fez, então, deu birra, essa vai ser a resposta da criança, ela deu birra, que é o comportamento em si, e a consequência é “O quê que aconteceu depois disso?” a mãe desistiu de dar banho, não deu banho. Então pra gente fazer uma análise funcional de um comportamento a gente tem que ver isso, e aí dentro da análise de comportamento aplicada, a economia de fichas é uma ferramenta que a gente usa.

João: Ah.. dentro do próprio ABA.

Guilherme: Entendi... então por exemplo, assim, quando isso estiver finalizado isso aqui acaba entrando como um ferramenta do próprio ABA, isso aqui...

Gabriela: Sim.. sim.. sim... isso, se isso for uma economia de fichas, a economia de fichas é isso... ééé... eu preciso trabalhar pra ganhar alguma coisa, então eu preciso ter isso visual pra criança ver, e pra gente mesmo também né, é, ter o controle do que essa criança precisa fazer, quais as tarefas ela precisa fazer pra ter acesso ao reforçador que eu vou dar. Isso é uma ferramenta que a gente usa dentro da análise de comportamento, então é, análise do comportamento, e a economia de fichas é uma ferramenta.

Guilherme: Entendi...

Gabriela: É isso.

João: Certo.

Roland: Outras ferramentas são usuais assim, dentro desse... dessa análise do comportamento ali, de economia de fichas, o quê que...

Gabriela: É... Pista visual, que é mais ou menos o que você tinha falado, que é a criança não sabe os passos do banho, então a gente vai fazer uma... uma... uma... nossa, o que que é?

João: Uma cartilha...

Guilherme: Aham...

Gabriela: É... um passo...

Guilherme: fazer um caminho suave...

Gabriela: Um passo a passo.

Roland: Um fluxograma.



Gabriela: É, visual também. É, pista visual a gente... Pista visual, aquilo ali é uma pista visual, "Saída", pra gente saber que ali é uma saída, porque pras crianças com TEA é muito difícil delas entenderem, delas visualizarem o passo a passo das coisas né, sei lá que, o PECS é como se fosse uma pista visual, mas não (inaudível)

João: Forma de comunicação.

Gabriela: Isso, ele é uma.. exclusivamente para se comunicar, uma fala, mas o quadro de mandos é uma pista visual, então se a criança tem dificuldade de falar "Eu quero ir no banheiro", ela pega a figura do banheiro e me entrega, ou ela pega a figura da jujuba que ela quer e me entrega. Entendeu? Então, é isso, a economia de fichas, com pista visual... É, o que mais, análise de tarefas.. Ah, um milhão de coisas, tem muitas coisas...

Guilherme: Posso acrescentar uma coisa aqui?

João: Pode.

Guilherme: Oh Gabriela, agora o seguinte, eu queria perguntar pra você agora, é sobre um receio que a gente até teve, a gente conversou sobre isso, nós conversamos, a respeito do... será que isso que a gente está desenvolvendo ele pode ser prejudicial de alguma forma, por exemplo, a gente quer tirar o hiper foco de alguma coisa ou usar isso.. será que isso que a gente está desenvolvendo, com tanto reforçador, visual, sonoro, personalização, será que isso pode ser o próprio hiper foco depois de tudo?

Gabriela: Então, mas.. Porque que a gente quer tirar o hiper foco? Porque que não pode ter um hiper foco? Depende... É, tudo depende, tudo o que eu vou falar é um depende, porque pode ser que esse hiper foco dessa criança esteja atrapalhando a vida dela, se estiver atrapalhando a gente vai ter que mudar, se não estiver atrapalhando, se estiver sendo usado como reforçado e tá dando certo, não precisa, a gente não tem porque tirar, que é uma coisa que tá funcionando. Por exemplo, estereotipia em criança, se a criança faz flap e isso não atrapalha na vida dela (...) não tem porque tirar.

Guilherme: Ela faz o que?

Gabriela: Flap... balançar a mãozinha, normalmente as crianças autistas fazem algo assim, então depende, se tiver prejudicando a vida criança se a criança não tiver indo pra escola porque ela precisa ficar o tempo inteiro vendo televisão, se o hiper foco dela for esse, tem uma criança que antes o hiper foco dele era garrafas pet, ele ia no shopping ele ficava caçando no lixo garrafa pet, isso não tava atrapalhando, tava influenciando. Ele queria andar com um milhão de garrafa pet, então não era funcional, não tava legal, ele ia pra escola ele tinha que ficar com um monte, tudo que.. toda garrafa que ele via ele queria (inaudível) (...) então, tá atrapalhando precisa diminuir, não tá atrapalhando pode ser usado como reforçador, então depende, não necessariamente uma coisa ruim o hiperfoco.

Guilherme: É que eu tava pensando o seguinte, tá toda hora "Ah, eu fiz minhas tarefas, posta mais, posta mais, posta mais.. eu quero mais, eu quero ir no cinema..."

Gabriela: Você fala da... do aplicativo virar o hiper foco?

Guilherme: Isso! É isso que eu quis dizer.

Gabriela: Eu acho que é difícil. Eu acho difícil assim.

Guilherme: Por exemplo assim, vamos supor lá, que a cada mil moedinhas ele tem direito a retirar um ingresso de cinema que o pai leva ele no cinema com combo de pipoca e tudo, e aí ele fala assim “Ah eu quero ir, eu quero! Posta mais, posta mais, eu quero fazer mais (...)

Gabriela: posta mais tarefas...

Guilherme: “.. pra eu ganhar mais moedinhas, ganhar mais rápido”, e ficar hiper focado nisso.

Gabriela: Eu acho difícil. Porque isso vai ser uma ferramenta pra ela ganhar o que tem hiper foco, não vai... eu não acho que vai virar o hiper foco dele.. Pode ser que vire, mas eu acho difícil... Se a gente vai usar o hiper foco, se a gente vai usar o reforçador que a criança gosta se a gente visa usar o que a criança gosta como reforçador, eu não acho que... o aplicativo pode ser reforçador? Pode e esse é o intuito, o aplicativo precisa ser reforçador porque ela precisa querer usar, se não for ela não vai querer, não vai usar, não vai funcionar, mas eu não acho que vai virar o hiper foco, acho difícil assim, até porque tá trazendo demanda pra ele né, as crianças costumam fugir de demanda então, é uma demanda.

Guilherme: Assim, com tudo o que a gente te trouxe hoje, você acha que essa ferramenta tem mais benefícios do que malefícios?

Gabriela: Acho, acho. Mais benefícios. É uma ferramenta que a gente usa na clínica sempre, isso é uma ferramenta que a gente usa muito, que funciona. É porque a de você elsa é um pouco mais, a gente não tem um aplicativo pra isso, a gente usa papel, a gente imprime ou faz um catálogo por celular. Aquele catálogo você mostrou?

Roland: Mande pra ele.

João: Mandou.

(30:08)

Gabriela: Então é assim a gente é mais simples o que a gente faz né? Eles vão pirar...

Guilherme: A gente pode até abranger não só pais e responsáveis, mas também psicólogos né..

Roland: Tem que ter rsrsrs

Guilherme: Pra você também ter o seu check lá.

Roland: Junto com os pais, orientar o que fazer...

Gabriela: Eu acho que, o psicólogo né, o terapeuta acaba... precisa na verdade... vocês estão fazendo isso pros pais, isso é para os pais, porque ele precisa ter, o pai pra entender como funciona, precisa que um psicólogo ABA explique.

Roland: O foco deve ser a clínica de atendimento..

Gabriela: A clínica precisa ensinar o pai a usar isso, então precisa de ter uma pessoa com uma formação em ABA para ensinar o pai a usar, porque senão perde o contexto.

Roland: Aí pode usar errado.

João: Pode usar, tipo, exigir coisas irreais.

Gabriela: Exatamente... É, precisa ter muito pé no chão, assim, o pai precisa saber... é porque muita teoria que envolve né, então ele precisa entender um pouco da teoria pra saber o que que ele vai fazer com isso, como que ele vai usar essa ferramenta, e aí vai precisar muitas vezes entender de manejo de comportamento porque se a criança der algum problema lá, que precisa manejar, mas isso não é muito.. não é da área de vocês, mas eu acho que precisa do terapeuta estar 100% nisso, precisa ter psicólogo.

Roland: Então os atores são, o terapeuta, o pai, a criança, o professor...

Gabriela: É, depende né.. o professor...

Roland: É, quando tiver tarefa relacionada a escola, o professor, mas tem que ter a previsão.

Gabriela: é, essa é a palavra, a economia de fichas é pra criança ter previsibilidade do que que vai acontecer, eu vou ter acesso a isso, mas quando? Preciso ter essa previsibilidade. Então esse aplicativo vai servir pra isso também, pra ela entender quando que ela vai... o que ela precisa fazer, quanto ela precisa se esforçar.. quando que vai chegar o que ela quer, entendeu?

João: Regras claras.

Gabriela: Isso. Tem que ter. combinado claro, tem que ser conversado com a criança.

João: Perfeito. Certo. Então as perguntas eram essas mesmo, você tem mais alguma coisa que...

Guilherme: Não, não tenho mais nada a colocar não.

Yasmin: Eu tenho uma duvida. Como que a gente esta lidando com crianças que esta no processo de desenvolvimento, é, essa questão de economia de fichas, será que não pode no desenvolvimento de uma criança, sempre vai levar a criança a achar que tudo o que ela pode fazer ela vai ter algo em troca depois que fica mais velha?

Gabriela: Mas isso não é a vida?

Yasmin: Mas eu falo assim, em tarefas básicas, vamos supor...

Guilherme: Arrumar a cama...

Yasmin: É, arrumar a cama, quando eu tiver meus 15, 16 anos eu não vou ganhar tipo vinte reais, um exemplo, pra poder arrumar, como que pode meio que mediar isso?

Gabriela: A gente usa isso com as crianças é... é porque as crianças que tem TEA, DI, elas precisam de um motivador, e isso, essa economia de fichas, essa recompensa, a gente usa reforçador, a gente não fala recompensa, eles precisam ter noção de que é porque o reforçador ele funciona pra aumentar a probabilidade de eu repetir o comportamento que eu fiz. Se eu fiz uma coisa legal, se eu arrumei minha cama, o reforçador pode ser "Parabéns filho" isso pode ser um reforçador, chama reforçador social, que não é tangível, não é aplicativo, nada que a criança segure é "parabéns, você foi muito bem", isso é reforçador também. Então tudo o que a criança faz precisa ser reforçada, se for um comportamento bom, eu preciso reforçar porque ele precisa acontecer de novo. Todo comportamento que acontece de novo, ele foi reforçado. Se a birra acontece de novo, ela

foi reforçada de alguma forma, depende da função do comportamento. Se a criança deu birra pra chamar atenção, e a mãe foi lá e deu atenção ela vai fazer birra de novo, porque ela sabe que assim ela recebe atenção, mesmo que bater na criança seja pra gente uma coisa punitiva, pra ele pode não ser porque ele conseguiu o que ele queria, entendeu?

Yasmin: Eu pergunto isso porque eu tenho uma cunhada de 5 anos, e eu tava falando do nosso projeto com a minha sogra, e foi uma questão que ela me levou, porque assim, a minha cunhada ela não tem nenhum espectro, não tem nada, só que ela ta nessa fase de desenvolvimento que ta bem complicado, então ela me levou essa questão.

Gabriela: É... isso é uma questão sim que a gente pensa né, de a criança... só que.. é isso assim, até a criança ter a noção que, pode ser que a criança que a gente esteja trabalhando, ela não de conta de arrumar a cama, porque ela não tem uma habilidade pra arrumar a cama, então pode ser outra tarefa, mas ela precisa entender que se ela fizer uma coisa legal, ela vai ser reforçada de alguma forma. Reforço é tudo que aumenta a probabilidade do comportamento acontecer de novo, então pode ser uma bala, pode ser um celular, pode ser uma viagem e pode ser um parabéns.

Yasmin: Então eu acho que isso pode ajudar naquele negócio que você falou de sempre a criança querer mais, como o reforçador nem sempre vai ser uma recompensa tipo física, as vezes pode ser um parabéns, em determinadas tarefas pode meio que falar não essa vai ser uma recompensa mesmo, essa vai ser uma mensagem.

Gabriela: É... é isso que eu falei, o sonzinho é um reforçador, só que assim, a gente, é por isso que eu falo que a gente tem que ter um profissional porque o esquema de reforçamento tem que ser muito pensado e personalizado pra (inaudível) uma criança, eu preciso entender como que aquela criança funciona, como que aquele comportamento acontece pra eu saber como reforçar ele. Como que eu vou fazer pra, como que eu sei que essa criança... porque se uma criança não der conta de fazer dez atividades pra ganhar alguma coisa, eu vou precisar fazer duas atividades e ganhar uma coisinha, mais duas e ganhar outra coisinha, pra depois conseguir ganhar uma coisona, então, esquema de reforçamento é muito individual, depende de cada crianças, e aí psicólogo vai entender e vai definir como que vai ser, é o esquema de reforçamento. Eu tinha, eu tenho uma paciente e aí na escola antiga dela, a professora auxiliar dava jujuba pra ela, então faz uma atividade ganha uma jujuba, faz uma, uma lição e uma bala, uma lição uma bala, ela tem 12 anos, não é o ideal. Primeiro que o reforçador comestível é uma coisa que a gente, muito primário, e não é saudável, a criança vai comer um milhão de balas por dia. Funciona? Funciona. É o ideal? Não. Porque é uma professora que não tem formação em ABA e não sabe sobre o esquema de reforçamento e aí ela fez desse jeito. A criança tá desse jeito que você falou. Ela quer fazer lição ganhando bala. Mostra uma bala ela faz correndo, senão ela demora, e aí a gente tem que engajar de outra forma. Então é isso, a gente precisa ter muito bem definido e pensado pra aquela criança, como vai ser o esquema de reforçamento dela, porque senão pode dar errado.

João: Perfeito! Certo. Então essa questão da personalização você acha que é a principal coisa, o ideal

Gabriela: Exato.

Yasmin: Uma coisa que agora até me veio na cabeça meio que o pai poder personalizar de acordo com o filho dele, tipo um, tem um aplicativo que eu esqueci o nome, tipo aqueles

aplicativos de saúde, que você personaliza de acordo com o que você está no momento. Acho que as vezes isso vai tornar mais específico e mais, do jeito que a criança...

Gabriela: Pode ser que um dia o hiper foco seja o SONIC e no dia seguinte o Homem Aranha, aí vai ter que trocar.

Yasmin: ah igual aqueles que também fala tipo 'clo' de menstruação "como está seu humor hoje?"

Gabriela: Sim... Sim... é a criança que gostava das garrafas Pet, hoje ele gosta de ônibus do cometa, é só ônibus do cometa e garrafas você não escuta ele falar mais, então é isso. Tem que ser personalizável.

Guilherme: Esse meu primo que o João falou, antes ele tinha o hiper foco só da fiat, agora ele tem fiat e bombeiro, ele tem os dois. De tipo a família conseguir os bombeiros irem lá na casa dele no dia do aniversário dele, com o caminha grandão, aquele caminhão de incêndio. Ele ficou tão feliz.

Gabriela: Avaliação de preferência. Então, a avaliação de preferência da clínica a gente tem que fazer todo dia, em todo atendimento, as vezes mais de uma vez por dia no atendimento, porque pode ser que o meu reforçado master agora seja essa garrafa, mas pode ser que daqui 10 minutos seja meu celular, então eu tenho que trocar, inverter a ordem, a gente tem que fazer uma avaliação, a gente oferece, tem várias avaliações de preferência mas por exemplo, oferece tantos itens o que a criança pegar primeiro, é o primeiro que ela... randomiza né, muda de lugar, o que ela pegar depois, a gente vai criando uma hierarquia de reforçadores.

Guilherme: Agora só fazendo uma última pergunta que eu tenho na cabeça agora, é eu tenho um colega no estágio que ele tem TDAH e ela falou que quando ele era criança, ele deve ter uns 18, 19 anos agora, quando ele era criança ele tinha hiper foco sempre em tecnologia, gostava muito de tela, mas ele odiava fazer coisas de escola, você acha que se eu chamar ele, pedir uma entrevista com ele conforme a gente tá fazendo sobre as experiências que ele teve, agora como ele é um pouco mais velho, mais maduro, você acha que é válido para esse projeto entrevista um TDAH um pouco mais velho.

Gabriela: Acho, acho, porque ele vai poder falar da experiência dele se ele tinha dificuldade em fazer tarefa de escola, se dar um aplicativo pra ele ter que fazer, ele vai fazer, porque ele sabe que vai ganhar alguma coisa que... é isso.. ele vai ganhar uma coisa, mas ele sabe que vai ter uma...

Guilherme: recompensa...

Gabriela: Reforçador, ele vai fazer porque tem reforçador. Mas é isso, recompensa. Então acho, acho sim, acho que é super válido, mas acho que pai e mãe também... tem que conversar com eles.

João: Então a gente vai tá focando principalmente nessa parte da personalização aí também essa parte que eu já estava pensando nisso, por exemplo de do foco não ser o pai né, e sim a clínica.

Gabriela: É, os cuidadores que... porque é isso, depende se na escola essa criança não tiver um comportamento de aluno aceitável socialmente, e aí a gente vai precisar intervir na escola também, então a gente conversa com pai, conversa com psicólogo, conversa

com natação, conversa com equoterapia, a gente faz com todo mundo, porque todo mundo faz parte da rotina dessa criança, depende de como é né a criança, acho que vai de cada criança mesmo, de como é a rotina, quais são as demandas dessa criança, o que essa criança tem de demanda assim, quais são as dificuldades dela.

Roland: E volume de clínicas pra esse tipo de atendimento tá aumento muito. Muito... muito... muito... é um mercado em expansão.

Gabriela: É porque antes não tinha diagnóstico, agora tem. Não aumentou o número de autistas, agora tem mais diagnóstico, antes não tinha.

Guilherme: Bom assim, eu não entendo muito dos códigos, mas por exemplo, as vezes chega menino lá na escola com laudo com vários FV., transtorno, que aí dependendo do transtorno e do FV ele tem direito até a professor de apoio dentro de sala de aula. Na minha época, não via.

Gabriela: Ah, antes era preguiça, teimosia, era... enfim... era só isso. Está um pouco banalizado também, mas. É isso.

**\*\*FIM DA ENTREVISTA\*\***